

# Militância e triunfo

Ministro de Relações Exteriores de seu governo, o Sr. Fernando Henrique Cardoso voltou da Índia com o espírito ungido pelo grande e antigo saber. É a segunda viagem que o presidente realiza, em poucas semanas, aos confins da Ásia. Segundo o formalíssimo chanceler Lampreia, estamos vivendo o grande momento da diplomacia brasileira. Os marqueses, viscondes e barões do Império, que, no Ministério dos Estrangeiros, consolidaram o Estado Nacional, devem espichar as caras barbadas para fora dos quadros que adornam as paredes do Itamaraty e adornam o longo corredor da História: estamos diante de novo e fulgurante tempo. Caravelas, Santo Amaro, Aracati, Queluz, Paraná e o Visconde do Rio Branco cedam lugar à diplomacia sociológica e poliglota. Eles nunca saíram do Brasil, a não ser para curtas viagens ao Prata. O Barão do Rio Branco conhecia o mundo, mas o barão foi chanceler republicano. É provável que esse perambular pelo mundo nos dê um lugar no Conselho de Segurança. Mas, como todos sabemos, a presença nesse Conselho pode ser conquista litúrgica, no sentido que hoje damos ao vocábulo grego, mas não nos fará menos pobres, nem mais poderosos.

É pena que o presidente viaje tão pouco pelo Brasil que ele visitou, como escreviam os jornalistas antigos, a *vol d'oiseau*, durante a campanha. Seria ótimo que ele visitasse a nossa gente e a visitasse de surpresa, em seu áspero cotidiano. Uma campanha eleitoral é sempre enganadora. Dizia um político velho que "o povo é bonito, visto do palanque". E as visitas anunciadas podem ser como as que fazia Catarina da Rússia,

ao lado do espartilhado ministro Potemkin (que deu seu nome, depois, ao encouraçado famoso). Da carruagem, a imperatriz via aldeias maravilhosas, com os camponeses e camponesas bem vestidos, saudando-a, felizes, nas portas de casas limpas e coloridas. Como a crônica russa registra, Potemkin mandava pintar as aldeias no papelão: por trás se escondiam os casebres em que se amontoavam os moradores. Como aqui é impossível esconder as favelas que já se levantam, em louvor ao neoliberalismo, no caminho entre o Planalto e o Alvorada, os potemkins do Banco Central pintam o tufão com estatísticas.

Nesta semana em que intelectuais se reúnem em torno de Saramago, no Itamaraty — o escritor português, como se sabe, é *dinossauro* e, mais do que *dinossauro*, atéu e comunista —, o governador do Rio Grande do Sul mandava a Brigada Militar expulsar, a porretadas, os lavradores gaúchos que se haviam reunido no saguão da Delegacia do Ministério da Fazenda em Porto Alegre, a fim de reclamar uma ajuda para que os seus filhos não morram de fome. Os agredidos eram a vanguarda de grupos que vagueiam pelas estradas do Sul, sem destino, mas não são miseráveis nômades destes moderníssimos dias liberais. São proprietários de pequenas glebas, açoitados pela seca e pelos juros.

Os *com-terra* apanhavam em Porto Alegre, e os *sem-terra* eram perseguidos no Pontal do Paranapanema. A mulher de José Rainha voltava para a cadeia, acusada de formação de quadrilha, e o presidente dizia, em tom enérgico, que não está disposto a dialogar com os trabalhadores rurais, se eles insistirem em ocupar as terras. Gostaríamos que o presidente tivesse a mesma energia com os poderosos que ocupam o Tesouro. Com os banqueiros, por exemplo. Com alguns banqueiros, em especial. Com os reais "formadores de quadrilha", que vêm assaltando os cofres públicos desde a chegada à Bahia do governador-geral Tomé de Sousa.

Os jornais de quinta-feira noticiavam que o Sr. Scarpa, o desenvolto milionário que ofereceu uma festa maravilhosa em Punta del Este, está devendo R\$ 8 milhões à Previdência e aos cofres públicos. Mas o Sr. Scarpa, estejamos certos disso, não irá para a cadeia. A lei o protege. E tampouco o Sr. Calmon de Sá conhecerá uma cela penitenciária. Se o Ministério Público conseguir processá-lo, se os juízes o condenarem, ainda assim, o Sr. Calmon de Sá contará com a velha imunidade nacional. Além de ser considerado primário, o curso superior o retirará do constrangimento de compartilhar a mesma cela com vinte ou trinta criminosos comuns.

Há mais: o ministro Nelson Jobim desautorizou uma medida do Cade contra o Grupo Gerdau que está consolidando o monopólio sobre um tipo de aço no Brasil. Embora a lei seja clara, e embora o Conselho disponha de toda a autonomia (se o Conselho Monetário Nacional, que representa os banqueiros, a tem, por que não a teria o Conselho de Defesa Econômica, que representa os cidadãos?), o Sr. Jobim procurou em seu proclamado saber jurídico os argumentos para defender o empresário conterrâneo. Ora, há insinuações de que o Sr. Gerdau foi generoso financiador de campanhas no sul e no todo, a convingha que elas fossem claramente desmentidas, para que não haja dúvida que foi o direito, e não a gratidão, o fundamento da insólita providência ministerial.

E vamos aos palanques. O Sr. Fernando Henrique Cardoso, um recém-chegado ao Poder Executivo, e chegado por cima, não entendeu uma coisa singela sobre "los segredos de la conducción", como gostava de dizer o general Juan Perón.

Um desses segredos é o da firmeza. Uma governante não pode dizer uma coisa hoje e outra amanhã. A palavra do chefe é moeda de ouro — não pode soar como moeda de barro (aliás, por falar em moeda de barro, o real já começa a descer, o que não é mau, e a descer tarde, o que é ruim). Bastou que o todo-poderoso dissesse para que os *formadores de opinião* se curvassem: que importância tem os ministros subirem os palanques? Não entenderam (e a desinteligência, para não dizer outra coisa, é um dos vírus do jornalismo contemporâneo) que o deputado Paes de Andrade não falava em palanques de madeira, mas em palanques de outra e mais poderosa consistência. No sistema parlamentarista os ministros podem subir em todos os palanques e pedir todos os votos, mas, no sistema parlamentarista, os deputados podem mandá-los embora em qualquer momento. Mesmo, em certos casos, em plena campanha eleitoral. No sistema presidencialista, a situação é outra.

Como bem lembrou o senador José Sarney, o atual presidente da República e, na época, candidato a prefeito de São Paulo, sentiu-se profundamente magoado pelo fato de que o então ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira — mais com os sentimentos pessoais do que com qualquer outro interesse —, decidiu apoiar o Sr. Jânio Quadros como candidato a prefeito de São Paulo. Rompeu o Sr. Fernando Henrique com o presidente Sarney — e Jânio se elegeu. É certo que Aparecido só levou para os palanques paulistas a sua personalidade e, para um ministro de Cultura, é o que basta. Mas os ministros atuais, com mais personalidade uns, e menos personalidade outros, terão que levar outra coisa, além da face e do verbo. O perigo é o de que levem a verba.

Enfim, como diria Machado, "esta foi uma semana militante; outra será a triunfante".

Mauro Santayana é jornalista

É pena que  
FHC  
viaje tão  
pouco. Pelo  
Brasil

